

ATENUAÇÃO E IMPOLIDEZ COMO ESTRATÉGIAS ESTILÍSTICAS EM CONTEXTO DE ENTREVISTA TELEVISIVA

*Anna Christina Bentes
Beatriz Ferreira-Silva
Rafaela Defendi Mariano*

RESUMO

Neste trabalho, temos como objetivo explorar a manipulação estilística de recursos textuais e discursivos por parte do *rapper* Mano Brown, em uma entrevista concedida ao programa *Roda Viva*, no ano de 2007. Para tanto, serão analisados os recursos textuais-discursivos que promovem a um só tempo a atenuação de seu estilo discursivo, marcado pela contraposição e pela exibição de um centro de valor comprometido com o olhar “de dentro” da periferia, mas também a exibição e a manutenção dos conflitos entre as perspectivas sobre a periferia por meio do uso de estratégias de impolidez.

PALAVRAS-CHAVE: estilo; impolidez; atenuação; entrevista televisiva.

Breve introdução

Em estudos anteriores¹, analisamos as formas de elaboração discursiva, nos termos de Thompson em “Costumes em comum”², performatizadas por Mano Brown³ nas seguintes situações comunicativas⁴: discurso de

¹ BENTES, A. C. *É nós na fita*: a formação de um registro e a elaboração de registros no campo da cultura popular urbana paulista. Nº do processo: 2009/08369-8. Projeto de pesquisa financiado pela Fundação de Amparo à Pesquisa. Unicamp, Campinas, 2009a. Disponível em <http://projetonoisnafita.vl1.net2.com.br/site/pdf/projeto-e-nois-na-fita.pdf>. Acessado em 09/06/2013, às 19h.

agradecimento na periferia, discussão informal sobre um tema polêmico com seus colegas de profissão e um curto depoimento concedido a uma jornalista.

Uma de nossas conclusões revela que Mano Brown (doravante MB), ao exibir uma linguagem vinculada a seu grupo social, coloca em cena o conjunto de conflitos que vivencia, como protagonista de movimento social e oriundo das camadas mais pobres da população, conflitos esses que implicam um discurso de legitimação de suas próprias práticas e de crítica em relação aos grupos dominantes e ao seu próprio grupo social. Além disso, os trabalhos de Mariano⁵ e de Ferreira-Silva⁶ também se debruçaram, com objetivos

BENTES, A. C. “Tudo que é sólido desmancha no ar: sobre o problema do popular na linguagem”. *Gragoatá* (UFF), 2009b, v. 27, pp. 12-47. Disponível em <http://www.uff.br/revistagragoata/revistas/gragoata27web.pdf>. Acessado em 09/06/2013, às 19h05min.

BENTES, A. C.; MARIANO, R.D. A linguagem dos manos: é possível falar sobre um registro popular paulista? In: CEZÁRIO, Maria Maura; FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica (Orgs.) *Linguística centrada no uso*: Homenagem a Mário Martelotta. Rio de Janeiro: FAPERJ: Mauad, 2013.

² THOMPSON, E. P. *Costumes em comum*. Estudos sobre a cultura popular tradicional. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

³ Mano Brown é vocalista - e também um dos compositores - do Racionais Mc's, grupo de rap formado em 1988, na periferia de São Paulo, com grande projeção no cenário musical nacional, tendo vendido mais de 4 milhões de cópias de seus CDs.

⁴ A noção de situação comunicativa aqui presente baseia-se em Gumperz (1982) e designa os espaços nos quais os sujeitos mobilizam informações subjetivas (contexto cognitivo) e propriedades sociais (representações e definições da interação em curso, ou os chamados “enquadres”); tal acepção carrega a ideia de que os sentidos são sempre negociados e, portanto, situados nas interações. As três situações comunicativas estudadas estão registradas em áudio e vídeo no DVD 100% Favela, produzido em 2006 por *Talentos Aprisionados, 1 da Sul e Projeto Periferia Ativa*, organizações da periferia de São Paulo.

GUMPERZ, J. *Discourse Strategies*. Cambridge: Cambridge University Press, 1982.

⁵ MARIANO, R.D. *Relatório final do projeto de Iniciação Científica* “Análise dos fatores estilísticos envolvidos na produção da fala de um rapper em diferentes situações comunicativas”. Financiamento: CNPq. Orientadora: Anna Christina Bentes. Campinas: IEL, Unicamp, 2010. Disponível em <http://www.projetonoisnafita.com.br/p/colaboradores-projetos-e-relatorios.html>. Acessado em 09/06/2013, às 19h10min.

MARIANO, R. D. *Relatório final do projeto de Iniciação Científica* “Recursos para a construção de estilos: tópico e marcadores discursivos na fala de um rapper paulista”. FAPESP, Processo nº 2010/17357-0. Orientador: Anna Christina Bentes. Campinas: IEL, Unicamp, 2012. Disponível em <http://www.projetonoisnafita.com.br/p/colaboradores-projetos-e-relatorios.html>. Acessado em 09/06/2013, às 19h10min.

⁶ FERREIRA-SILVA, B. *Relatório do projeto de Iniciação Científica* “Referenciação e progressão tópica em uma entrevista jornalística”. Financiamento: CNPq. Orientadora: Anna Christina Bentes. Campinas: IEL, Unicamp, 2011. Disponível em <http://www.projetonoisnafita.com.br/p/colaboradores-projetos-e-relatorios.html>. Acessado em 09/06/2013, às 19h10min.

diferentes, sobre uma quarta situação comunicativa: a participação de MB no programa de entrevistas *Roda Viva*, no ano de 2007.

O primeiro trabalho de Mariano⁷ enfocou os processos de estilização presentes na fala desse *rapper* que pode ser considerado como um “ícone sociolinguístico”⁸ para uma grande parcela dos jovens e adultos das periferias brasileiras. Esse trabalho contribuiu para a compreensão da estilização da linguagem operada pelo *rapper*, principalmente por meio do seu manejo dos tópicos e de marcadores discursivos (doravante MDs). As principais conclusões da pesquisadora apontam para o fato de que o trabalho estilístico do *rapper*, em torno desses recursos, pode assinalar a direção para a qual se deve olhar, quando se postula a existência de registros populares usados e performatizados pelos sujeitos das periferias. Ferreira-Silva⁹, por sua vez, voltou-se para a análise das relações existentes entre os processos de referenciação e o gerenciamento tópico feito pelos participantes da entrevista concedida por Mano Brown ao *Roda Viva*. São enfocados recursos de negociação e recategorização dos referentes que fazem com que o entrevistado redirecione tópicos tidos como “ameaçadores”, propostos pelos entrevistadores. Por meio das análises desenvolvidas, foi possível observar o modo como as estratégias de gestão do tópico encontram-se em convergência com as estratégias empregadas pelos sujeitos para a representação de seu “eu” social¹⁰. Já Bentes e Mariano, em “A linguagem dos manos: é possível falar sobre um registro popular paulista?”, postulam que o uso de MDs específicos como o *tá ligado?* e a alta frequência de uso de MDs durante a produção discursiva dos falantes poderiam constituir elementos tipificadores de registros populares.

Neste artigo, pretendemos analisar a produção discursiva de MB no programa de entrevistas *Roda Viva*, com o objetivo geral de observar a manipulação estilística¹¹ de alguns recursos de natureza textual-discursiva por parte

⁷ MARIANO, R. D. 2010.

⁸ ECKERT, P. *Linguistic variation as social practice*. Massachusetts, Oxford: Blackwell, 2000.

⁹ FERREIRA-SILVA, B. 2011.

¹⁰ Cf.: GOFFMAN, E. *A representação do eu na vida cotidiana*. Tradução de Maria Célia Santos Raposo. 6.ed. Petrópolis: Vozes, 1995.

¹¹ A partir de perspectivas de base sociológica e discursiva, Coupland (2001, 2007) defende que a produção do estilo é uma realização situacional e, dessa forma, voltada para a obtenção de propósitos comunicativos em relação a determinadas situações sociais. Para o autor, então, os sujeitos manipulam variados recursos semióticos a serviço da elaboração de *personas*

de MB que podem ser considerados como ou índices de impolidez¹² ou ainda como atenuadores¹³. Nossa hipótese é a de que MB gerencia esses recursos de forma a construir um tipo de participação que atenda às normas sociais pres-supostas por esse tipo de programa e também de forma a reforçar sua identidade de classe, como veremos nas análises. Em suma, a um só tempo, as respostas

sociais, ou seja, os atores sociais “navegam” por/entre diferentes identidades, manipulando os registros e os estilos linguísticos de acordo com cada uma dessas múltiplas identidades assumidas. As *personas* sociais (COUPLAND, 2001) são as construções da imagem social que dizem respeito às características e aos valores construídos por meio dos usos linguísticos socialmente selecionados pela atividade estilística. Nesse sentido, o estilo é um processo altamente complexo por meio do qual os sujeitos manipulam variados recursos de diferentes variedades linguísticas, a fim de obter determinados propósitos comunicativos em determinada situação social.

COUPLAND, N. Language, situation and the relational self: theorizing dialect-style in sociolinguistics. In: ECKERT, Penelope and RICKFORD, John (eds.), *Style and sociolinguistic variation*. Cambridge: Cambridge University Press, pp. 185-210, 2001.

COUPLAND, N. *Style: variation and identity*. New York: Cambridge University Press, 2007.

- ¹² Ao longo deste trabalho, assumimos a discussão e a definição do fenômeno da impolidez produzida por Culpeper (2008), para quem a performance da polidez ou da impolidez encontra-se correlacionada ao trabalho relacional (LOCHER, 2004; WATTS, 2005). Nesse caso, a impolidez é definida como “um comportamento comunicativo que tem a intenção de causar a “perda da face” do alvo ou como um comportamento *reconhecido* pelo alvo como tal. E a “perda da face” em contexto de impolidez envolve um conflito e um choque de interesses intencionado pelo produtor (ou percebido como tal) para retirar o valor social positivo (GOFFMAN, 1967, p.5) que o alvo reivindica para si ou ainda para negar alguns de seus direitos a ser livre de imposições ou de ter liberdade de associação.” (CULPEPER, 2008, p. 36) (Tradução nossa)

^CULPEPER, J. Reflections on impoliteness, relational work and power. In: BOULSFIELD, D.; LOCHER, M. A. (eds.) *Impoliteness in language: studies on its interplay with power in theory and practice*. Berlin: Mouton de Gruyter, 2008, pp. 17-44.

- ¹³ Partimos dos postulados de Briz (2005), para quem a atenuação deve ser vista como um recurso de eficiência e eficácia pragmática usado de forma estratégica em contextos argumentativos e conversacionais. A atenuação seria, então, uma formulação de enunciado para se chegar a fins outros, visando à negociação e ao acordo. Os sujeitos incorreriam, então, em atenuações, buscando a mitigação, a minimização de certas contribuições dos falantes que poderiam ser responsáveis por desacordos ao longo das interações. Assim, seu uso como modo de evitar conflitos se associaria mais estreitamente à elaboração da face, conquanto os sujeitos, ao se encontrarem em situações de iminentes ameaças a suas faces, utilizariam atenuações como forma de minimizar sua força ilocucionária e com vistas a evitar um comprometimento de sua imagem pública. Segundo o autor, vemos que formas linguísticas como atenuações devem ser entendidas também como estando a serviço da conquista de certas metas objetivadas pelos sujeitos em suas interações. (BRIZ, A. Eficácia, imagen social e imagen de cortesía. In: BRAVO, D. *Estudios de la (des)cortesía em espanól*. Buenos Aires: Dunkem, 2005, pp. 53-92.)

de MB aos seus entrevistados são, simultaneamente, um trabalho interacional/relacional¹⁴ e um trabalho discursivo de reforço identitário e estilístico.

Para tanto, apresentaremos, em um primeiro momento, uma descrição da situação comunicativa a ser analisada, a saber, a entrevista do *rapper* MB concedida ao programa televisivo *Roda Viva*. Em um segundo momento, desenvolveremos análises relativas à manipulação estratégica de alguns recursos textuais-discursivos que podem ser considerados como índices de impolidez ou como recursos atenuadores das ameaças à face percebidas como tal por MB.

Contextualizando a entrevista de Mano Brown no programa *Roda Viva*

Transmitido em rede nacional pela TV Cultura, o *Roda Viva* consolidou-se como um dos mais tradicionais programas de entrevistas da televisão brasileira. No programa, são tratados temas de interesse do momento sócio-histórico nacional e internacional, como questões voltadas à política, cultura, economia etc. Ao longo de seus 21 anos de exibição, os participantes convidados caracterizam-se como personalidades importantes, profissionais do jornalismo, muitas vezes tidos como especialistas em suas áreas de atuação¹⁵. É interessante salientar, então, que tanto MB pouco concede entrevistas à grande mídia, como o *Roda Viva* quase nunca entrevista um representante da cultura da periferia e/ou protagonista de movimento social. Portanto, o contexto dessa entrevista se mostra bastante especial, visto que o movimento da periferia para o centro é raro nesses dois sentidos: o ator social da periferia pouco vai à mídia e essa mídia quase nunca recebe esses atores.

As entrevistas televisivas caracterizam-se por constituírem-se em espaços interacionais e discursivos, nos quais vozes sociais bastante díspares encontram-

¹⁴ O trabalho relacional é o processo de definir relações na interação (LOCHER, 2004 *apud* CULPEPER, 2008, p. 21). Para a autora, o trabalho relacional também pode ser compreendido como *facework*, tal como postulado por Goffman (1967). (GOFFMAN, E. A Elaboração da Face: Uma Análise dos Elementos Rituais na Interação Social. In: S. FIGUEIRA (org.). *Psicanálise e Ciências Sociais*. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1967, p. 76-114.)

¹⁵ PALUMBO, R. *Referenciação e Argumentação*: a dinâmica nas orientações argumentativas em debates políticos televisivos. Dissertação (Mestrado em Linguística). Faculdade de Filosofia, Letras, e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2007.

-se reunidas, o que contribui para que sejam compreendidas como marcadas pela negociação de sentidos. As negociações podem incidir sobre o conhecimento e as opiniões apresentadas pelos participantes, bem como sobre outros aspectos que dizem respeito à forma ou ao conteúdo da interação¹⁶. Sendo assim, no caso das entrevistas televisivas como as do programa *Roda Viva*, vemos, por exemplo, uma intensa negociação no que diz respeito aos turnos de fala de entrevistadores e entrevistados e, conseqüentemente, no que diz respeito ao modo como o tópico discursivo é desenvolvido pelos participantes¹⁷.

A nosso ver, o convite a MB, líder do grupo de *rap* Racionais MCs, para ser o entrevistado do programa *Roda Viva* caracteriza um movimento interessante que é o da presença da periferia (por meio de um protagonista de movimento social, poeta e músico) no centro (grande mídia). Esse movimento faz com que o *rapper* se insira em uma interação complexa, que demanda dele, no curso de sua produção linguístico-discursiva, atitudes que são, a um só tempo, de negociação e também de fixação de interesses, objetivos e identidades muitas vezes conflitantes entre si.

Em termos dos conteúdos tópicos desenvolvidos na entrevista com o *rapper* MB, os participantes trataram: (i) das mudanças de trajetória musical e pessoal de MB; (ii) das opiniões políticas de MB (acerca de movimentos sociais como o MST e também da opinião sobre a atuação do então presidente Luiz Inácio Lula da Silva); (iii) do impacto social do trabalho de MB e (iv) da realidade social da periferia.

O programa analisado data de 24 de setembro de 2007 e foi comandado pelo jornalista Paulo Markun (cuja função era também de apresentador-mediador). Além disso, contou com seis entrevistadores: Paulo Lins, escritor, professor de literatura e roteirista de cinema; Renato Lombardi, jornalista da TV Cultura; Maria Rita Kehl, psicanalista; Ricardo Franca Cruz, editor chefe da revista *Rolling Stone* Brasil; José Nêumanne, editorialista do *Jornal da Tarde*, comentarista da *Rádio Jovem Pan* e do SBT; e Paulo Lima, editor da revista *Trip*.

¹⁶ Cf.: AQUINO, Z; FÁVERO, L; ANDRADE, M. "Papéis discursivos e estratégias de polidez nas entrevistas de televisão". *Revista Veredas*, 4: 67-77, 2000. Disponível em: <<http://www.ufjf.br/revistaveredas/files/2009/12/artigo76.pdf>>. Data de acesso: 27/03/2013.

¹⁷ Cf.: LIMA, F. *Metadiscursividade e persuasão em entrevistas com candidatos à Prefeitura de São Paulo*. Tese (Doutoramento em Linguística). São Paulo: Instituto de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, USP, 2009.

O modo de apresentação dos entrevistadores veicula representações feitas sobre esses sujeitos, salientando, no caso, seu *status* profissional e uma relação com o perfil social do entrevistado. Da mesma forma, a apresentação de MB evoca certas características, como podemos ver no trecho¹⁸ abaixo:

boa noite (.) ele considera: que o principal conflito de hoje no Brasil é <((lendo)) em primeiro lugar o do rico com o pobre (.) e em segundo... do preto com o preto e em terceiro lugar (.) o do branco com o preto (.) a frente de um dos mais importantes grupos do rap brasileiro (.) .h o que mais/ público atrai para seus\ shows de rua (.) e que já vendeu mais de um milhão de CDs (.) .h ele é considerado a voz/ da periferia pobre de São Paulo (.) e faz da sua música um protesto/ .h e uma denúncia\ contra o racismo o crescimento urbano caótico e a dura vida nos bolsões de pobreza na cidade (.) numa rara aparição na TV /Mano Brown está hoje no centro\ do Roda Viva (.) ele é líder e vocalista dos Racionais MCs... grupo de rap que surgiu há mais de vinte anos no Capão Redondo (.) .h região de Campo Limpo numa das áreas mais/ populosas (.) e pobres da Zona Sul de\ São Paulo... a/ música de Mano Brown e dos Racionais\ MCs deixa CLARO/ o conflito entre o centro e a periferia (.) entre o Brasil dos incluídos e dos excluídos (.) o grupo se transformo:u numa expressão das idéias sobre consciência negra no Brasil (.) e fez dessa percepção sua marca no: rap brasileiro> ((corte de imagem))

Narradora: (...) o caráter durão (.) herdou da mãe (.) que deixou a Bahia com doze anos\ após brigar com o pai dela (.) classifica/ o povo brasileiro como pacífico... mas já afirmou que pegaria em armas para fazer uma\ revolução... Mano Brown raramente concede entrevistas e quase nunca faz shows fora da periferia... já/ declarou que o seu verdadeiro público está lá (.) foi quem o colocou no topo e precisa ouvir o que ele tem a dizer (.) atualmente atinge também a classe média (.) falando de drogas (.) e marginalidade (9,0)>

Podemos observar que, no início do programa, o texto de apresentação de MB constrói uma determinada *persona* para o *rapper*: aquele que (i) analisa a realidade e percebe que os maiores conflitos são de ordem social e racial; (ii) faz da sua música um protesto e uma denúncia contra esses conflitos (raciais e sociais) e, por isso, é considerado a voz da periferia; (iii) tem um caráter

¹⁸ Para a transcrição da entrevista analisada, foi usado o sistema de notação desenvolvido pelo Grupo de Pesquisa COGITES (Cognição, Interação e Significação), sob coordenação da Professora Edwiges Maria Morato (DL, Unicamp). Além de adotar as regras do NURC, esse sistema privilegia a notação de recursos prosódicos de forma mais detalhada e de recursos multissemióticos coocorrentes à fala. Ver as normas no site <http://cogites.iel.unicamp.br/> .

“durão” como o da mãe; (iv) é polêmico (**pegaria em armas para fazer uma revolução**) e (v) raramente vai à mídia.

Também em função do caráter especial da entrevista, os participantes-entrevistadores comportam-se de forma um pouco ansiosa, perguntando muito, não permitindo, muitas vezes, que o entrevistado desenvolva o tópico discursivo¹⁹ instaurado pela pergunta anterior. Em outras palavras, em função desse contato “raro” que estão tendo a oportunidade de ter com MB, os entrevistadores mudam rapidamente de tópico. Mas também mudam de tópico em função da necessidade de evitar e/ou ultrapassar, em muitos casos, os conflitos instaurados pelos tópicos, dada a reação de MB a eles, como veremos na análise seguir.

Análise das estratégias estilísticas mobilizadas por Mano Brown (MB)

Na presente análise, interessa-nos focalizar alguns recursos textuais-discursivos manipulados por MB ao longo da entrevista. Assumimos que MB emprega tais recursos de acordo com as instâncias subjetivas da interação e de acordo com as relações que emergencialmente²⁰ se estabelecem entre os sujeitos participantes da entrevista. Ainda que se tenha, então, normas²¹, convenções e princípios gerais que presidam as interações pela linguagem em dada cultura ou sociedade, as relações que vão sendo estabelecidas e a construção da negociação de sentidos, ao longo do programa, vão fazer com que determinados recursos sejam manipulados como forma de proteção da face e como forma de reforço ao estilo identitário e discursivo performatizado por MB. Em outras palavras, os recursos textuais e discursivos mobilizados propiciam a elaboração de um trabalho relacional por parte do *rapper*, na maioria das vezes, que implica a busca de acordos em torno de suas posições, mesmo nos momentos em que desacordos emergem.

¹⁹ Para a noção de tópico discursivo, consultar: JUBRAN, C.C.A.S. *et al.* “Organização tópica da conversação”. In: ILARI, R. (org.). *Gramática do português falado*. V.II. Campinas: Editora da UNICAMP, 2002. pp. 341-377.

²⁰ HANKS, W. “O que é contexto”. In: BENTES, A. C.; REZENDE, R. C.; MACHADO, M. A. R. (orgs.). *Língua como prática social: das relações entre língua, cultura e sociedade a partir de Bourdieu e Bakhtin*. São Paulo: Cortez Editora, 2008.

²¹ A respeito de uma discussão sobre a interação entre normas experienciais e normas sociais no curso das interações sociais, ver Culpeper (2008).

Esses recursos consistem: no uso estratégico (ora como atenuador, ora como índice de impolidez) de MDs interacionais²² e de respostas indiretas (que se caracterizam pelo fato de MB atender parcialmente ao tópico mais geral estabelecido), na negação de pressupostos, na recategorização de referentes e no redirecionamento dos tópicos por meio da elaboração de perguntas do entrevistado para o entrevistador.

A mobilização desses recursos ao longo da entrevista mostra que MB é bastante “cuidadoso” com suas respostas e, por conseguinte, com sua própria atuação como um todo nesse contexto – sobretudo no início da entrevista e nos momentos em que a instauração de determinados tópicos (como a questão da criminalidade na favela; sua (não) relação com o pai ou, ainda, sua opinião sobre o MST) por diferentes jornalistas é percebida por ele como uma ameaça à sua face²³, como veremos adiante. Portanto, haja vista o fato de que MB está com toda sua atenção voltada tanto para a sua fala e para seu desempenho como para a fala e para o desempenho de seus interlocutores, acreditamos haver, ao longo da entrevista, um alto grau de monitoramento estilístico por parte do entrevistado.

²² Para a análise dos MDs, partimos dos postulados da perspectiva textual-interativa. Sob esse viés, eles são vistos como: “(...) expressões que contribuem para o processamento textual-interativo do discurso, isto é, expressões que articulam segmentos textuais de natureza tópica e/ou que codificam orientações dos interlocutores em relação ao processo de interação verbal” (PENHAVAL, 2010, p.28); (PENHAVAL, E. *Marcadores Discursivos e Articulação Tópica*. Tese (Doutoramento em Linguística). Campinas: Instituto de Estudos da Linguagem, UNICAMP, 2010.)

Sob essa perspectiva, os MDs, portanto, são caracterizados como elementos vinculados ao processamento da dimensão textual-interativa de organização da linguagem. Nesse sentido, são caracterizados dois tipos básicos de MDs: os basicamente sequenciadores e os basicamente interacionais. Os MDs interacionais são aqueles que revelam uma “nítida orientação por parte do falante em direção ao ouvinte, ou deste ao falante, através, por exemplo, da busca de uma aprovação discursiva” (RISSO *et al.*, 2006, p. 26).

(RISSO, M. S. *et al.* Marcadores discursivos: traços definidores. In: KOCH, I. G. V. (Org.). *Gramática do português falado*. v. IV Campinas: Editora da UNICAMP, 2001, p. 21-61.)

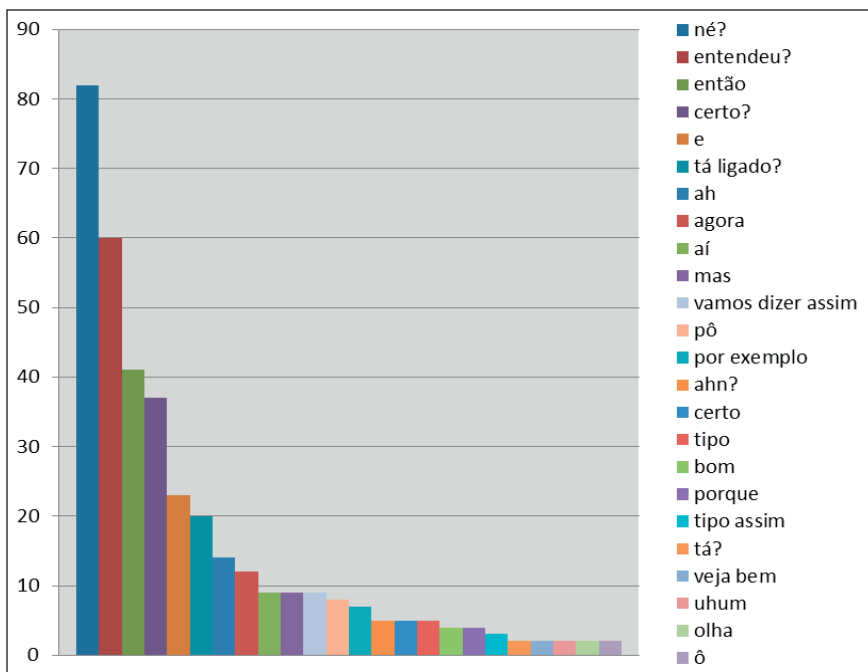
²³ De acordo com Goffman (1967), em toda interação, são postos em ação processos figurativos, ou seja, processos por meio dos quais os interactantes se representam uns diante dos outros de determinadas maneiras, o que os leva a agir de formas diferentes. São essas formas de representação que o autor denomina face. Segundo ele, os interactantes procuram, em cada interação, evitar qualquer tipo de agressão à sua face e à do parceiro: é o trabalho de preservação das faces (*facework*), que se concretiza, particularmente, pelo uso da linguagem. Em outras palavras, em nossas interações do dia-a-dia, tentamos elaborar nossa face com base em um valor positivo. Por isso, a face é “uma imagem do *self* delineada em termos de atributos sociais aprovados” (GOFFMAN, 1967, p. 77).

O uso de MDs e de resposta indireta como recurso de atenuação

Consideramos que o uso bastante recorrente de MDs se apresenta como um dos índices desse alto grau de monitoramento estilístico. Isso porque, como sabe de sua imagem pública, conforme apresentada no início do programa (o caráter durão herdou da mãe (...) **Mano Brown raramente concede entrevistas e quase nunca faz shows fora da periferia**), e como tem também uma imagem sobre o programa (**já vi uns cara que tomou pancada aqui (...) eu tô achando suave**), o *rapper* usa MDs - notadamente os interacionais com função *checking* - para indiciar um tipo de elaboração discursiva que enfatiza tanto a atenção ao interlocutor como a procura por reconhecimento de sua participação como válida.

Observemos, então, a distribuição do emprego de MDs quando da participação de MB no programa *Roda Viva*:

Gráfico 1: MDs na participação de MB na entrevista televisiva



Em relação aos MDs mais usados, cabe salientar que a função desempenhada por três deles (*né?*, *entendeu?*, *certo?*) é a de *checking*, ou seja, são MDs que “trazem o interlocutor para dentro do discurso” por meio da busca de aprovação discursiva²⁴.

Comparativamente, observamos nessa situação comunicativa a ocorrência de 250 MDs orientadores da interação e 117 sequenciadores tópicos, o que revela que há uma supremacia do uso de MDs daquele tipo. Bentes e Mariano²⁵, ao compararem o uso de MDs em quatro situações comunicativas das quais participou MB, observam que nessa entrevista televisiva, apesar do maior tempo de duração dessa situação em relação às outras, há realmente um maior uso de MDs. Além disso, é a situação comunicativa em que mais se evidencia a supremacia do uso percentual de MDs interacionais, como se pode observar na tabela a seguir:

Tabela 1: Comparação das ocorrências de MDs na fala de MB em diferentes eventos (Bentes e Mariano, 2013)

Encontro Social	Discurso Público	Depoimento	Discussão informal	Entrevista Televisiva
MDs basicamente interacionais	21 (57%)	8 (53%)	30 (59%)	250 (68%)
MDs basicamente sequenciadores	16 (43%)	7 (47%)	21 (41%)	117 (32%)

Assim, vemos que o alto uso de MDs, principalmente os interacionais, por parte do entrevistado MB, ao longo do programa *Roda Viva*, corresponde a um importante, e frequente, recurso atenuador. A atenuação é “um recurso estratégico dentro da atividade argumentativa e conversacional que busca a aceitação do ouvinte, seja do dito e do dizer ou do próprio falante”²⁶. Acreditamos que esses MDs, principalmente os interacionais com função *checking*, sejam atenuadores, na medida em que se revelam um

²⁴ URBANO, H. Aspectos basicamente interacionais dos marcadores discursivos. In: Neves, M.H.M. (Org.). *Gramática do Português falado*. v. VII Campinas: Editora da UNICAMP, 1999, p. 195-258.

²⁵ BENTES E MARIANO, 2013.

²⁶ BRIZ, A. op. cit.

recurso estratégico que busca a aceitação por parte ouvinte. Essa busca tem como objetivo comunicativo conseguir a aceitação do ouvinte e, portanto, é um recurso significativo em situações nas quais há argumentação, como é o caso da entrevista analisada. Os MDs, então, fazem parte dos recursos mobilizados por MB para ter um desempenho considerado positivo na situação comunicativa que envolve exposição de pontos de vista e, sobretudo, argumentação.

Ressalte-se que a entrevista parece começar bastante tensa, tanto em função das representações que os participantes (entrevistado e entrevistadores) têm de si, dos outros e do contexto, principalmente se considerarmos os conteúdos da apresentação de MB no início do programa e o próprio contexto de entrevista de um ator social oriundo da periferia brasileira. Além disso, a forma de instauração de um dos primeiros tópicos - a opinião de MB acerca do Movimento Sem Terra (MST) - por Maria Rita Khel (MR) -, ao fazer sua primeira pergunta, parece fazer com que o entrevistado interprete esse ato como uma ameaça à sua face:

Exemplo 1

MR eh... eu queria saber sobre já que você pergunta.. de-eh o Paulo Markun perguntou de melhorias ... o que que você/ acha de movimentos\ sociais que surgiram também/ nesse tempo... que os Racionais tão aí na estrada\... tem um movimento lá no Capão... quer dizer não é no Capão é em São Paulo... mas que é muito expressivo no Capão ... que é o MTST eh movimento dos trabalhadores sem teto (diz) que tem até uma ocupação lá que tá brigando bastante.... é do MST mesmo... eu gostaria de saber sua opinião sobre: esses dois movimentos sociais se você é otimista ... com ... a: ...presença deles no Brasil ou não...

MB sim então... eh: junto com esses eh:-o: vou dizer os que eu acompanho mais certo? eh:: tem alguns movimentos que são hoje: são:o organizados dentro do Capão que eu acompanho alguns de perto... esses eu considero como mudança real tipo tem o Capão Cidadão ...[que é um:a]

MR [unh-unh?]

MB ação... dos próprios moradores pelos moradores tipo nós por nós tá ligado?... deles lá de moradores lá:: pessoas que são criado lá nascido lá... para com:: ... a população deles os: próprios parentes filhos... afilhados entendeu? família no-família nossa que todo mundo tem lá então a gente: eh:-o que eu acompanho de perto ... as outras organizações talvez eu acompanhe de longe...

MR ((sorrindo)) e de longe que que você acha do MST? (.) [perguntando de cara]

MB [o que euacom]panho de longe... acompanho que tem um cara preso ... certo?

MR [(xxx)]

MB lutando por uma causa que não é só dele ... que é de milhões ... e ele vai-pelo que eu tô vendo vai pagar sozinho é isso?...

MR ((balbucio)) num sei ... acho que não ((rindo))

[tem muita gente presa]

MB [que tem um] cara preso lutando por uma causa que é de muitos... né? eu acho que::... que é: José Rainha é isso?

MR isso

MB eu até eu-tenho que dizer que eu sou um cara que eu leio pouco mesmo... sou mal informado sobre muitas coisa ... mas... as coisa que me interessam ... eu me informo... en[tendeu?]

Em uma entrevista televisiva como essa, temos claramente alguns conflitos sendo exibidos. Como afirmam Fávero *et al.*, em “Interações em diferentes contextos”²⁷, as entrevistas televisivas podem ser mais ou menos dirigidas, mais ou menos dialógicas e/ou conversacionais. Essas restrições do gênero podem resultar em atos de fala específicos produzidos principalmente pelos entrevistadores que, em um primeiro momento, poderiam ser compreendidos como ataques ameaçadores à face do entrevistado (impolidez), mas na verdade, são atos que fazem parte do conjunto de normas convencionadas como socialmente adequadas e até mesmo respeitosas de comportamento no interior desse gênero específico.

É o que acontece, por exemplo, com a pergunta de MR sobre a opinião de MB em relação ao MTST e ao MST. Vemos que MB não atende diretamente a esse tópico proposto pela entrevistadora, mas responde à pergunta indiretamente, tematizando outros movimentos sociais (como o *Capão Cidadão*) que ele acompanha “mais” ou “de perto”, terminando sua resposta ao dizer que **as outras organizações ele talvez acompanhe de longe**, não dando assim sua opinião sobre o MST especificamente. Assim, MB atende ao tópico mais geral instaurado pela entrevistadora (movimentos sociais brasileiros), mas elege um outro referente discursivo para ser comentado (movimentos sociais no Capão Redondo). Além disso, o *rapper* usa MDs do tipo *checking* que reafirmam a estratégia de minimização de possíveis impactos negativos de sua resposta, tais como **certo?**, **tá ligado?** e **entendeu?**. A nosso ver, o *rapper* MB atenua a sua negativa em atender ao tópico mais específico proposto por MR (MST e MTST), quando opta por falar acerca de outros movimentos. Ao se esquivar de uma resposta direta que obedeça ao tópico proposto pela entrevistadora por meio dos recursos acima elencados, MB promove uma atenuação de seu estilo de contraposição direta a um centro de valor²⁸ que ele compreende como diferente do seu, tal como pode ser observado ao longo da resposta que dá à segunda pergunta da entrevistadora, evento que analisaremos a seguir.

²⁷ FÁVERO, L.L. *et al.* Interação em diferentes contextos. In: BENTES, Anna Christina e LEITE, Marli Quadros (orgs.). *Linguística Textual e Análise da Conversação*: panorama das pesquisas no Brasil. São Paulo: Cortez Editora, 2010, p. 91-158.

²⁸ A respeito desse conceito bakhtiniano, ver a discussão feita por TEZZA, C. *Entre a prosa e a poesia: Bakhtin e o formalismo russo*. Rio de Janeiro, Rocco, 2003.

O uso de mds como índice de impolidez

Continuando nossa análise, percebemos que, apesar de todo esse movimento de esquiva por parte de MB, a entrevistadora reitera sua pergunta (e **de longe que que cê acha do MST?**). Tal atitude é percebida por MB como uma ameaça à face, nos termos de Goffman em “A Elaboração da Face: Uma Análise dos Elementos Rituais na Interação Social”²⁹, já que a entrevistadora, mesmo percebendo a esquiva por parte do entrevistado em desenvolver o tópico, parafraseou sua pergunta anterior a respeito do mesmo e ainda reforçou sua ação de não aceitar a esquiva de MB por meio da enunciação ‘perguntando de cara’, depois de fazer a pergunta. Poder-se-ia dizer, então, que a entrevistadora não preservou a face de seu interlocutor, pois não aceitou a resposta dada, retomando o tópico tido como “ameaçador” por MB. MR, portanto, não teria seguido um dos fundamentos para a não ameaça da face, tal como postula Goffman:

Quando a pessoa conhece bem os outros, saberá quais temas não devem ser levantados e em que situações os outros não devem ser colocados, ficando com a liberdade de introduzir assuntos à vontade em todas as outras áreas. Quando se trata de pessoas estranhas, costuma-se inverter a fórmula, passando-se a se restringir a áreas específicas que se sabe serem seguras.³⁰

A abordagem, por parte da bancada de entrevistadores, de tópicos ameaçadores é constante durante as entrevistas do *Roda Viva*³¹, tal como ocorre em muitos programas de entrevistas no interior dos quais a instauração de polêmicas com os entrevistados é corrente. Sendo assim, a regra de proteção da face do outro em termos da escolha dos tópicos não pode ser considerada como estruturadora dessa situação comunicativa, diferentemente do que

²⁹ GOFFMAN, E. A Elaboração da Face: Uma Análise dos Elementos Rituais na Interação Social. In: S. FIGUEIRA (org.). *Psicanálise e Ciências Sociais*. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1967, p. 76-114.

³⁰ *Ibidem*, p. 110.

³¹ Cf.: LIMA, F., op. cit.

postula Goffman³² para interações do dia a dia, ou seja, para interações menos institucionalizadas do que uma entrevista televisiva. Para Lima³³, no programa *Roda Viva*, a abordagem de tópicos polêmicos ou ameaçadores da face indica que a mobilização de estratégias argumentativas por parte dos participantes é necessária e esperada, tendo em vista os casos em que há “discordância entre os valores defendidos pelos interlocutores”³⁴. Além disso, segundo o autor, esse contexto argumentativo coloca em jogo “o próprio controle do processo interacional como um todo”³⁵.

Em função do fato de MR não ter instaurado um tópico que deixaria, por assim dizer, MB à vontade, o *rapper* responde, então, à pergunta, mas fornecendo um viés que a entrevistadora não esperava, como pode ser observado pelos silêncios e pelas respostas da entrevistadora às perguntas agora feitas pelo *rapper* a ela. Essas reações da entrevistadora ocorrem pelo fato de ela não esperar que o entrevistado dê uma informação específica sobre um membro do MST (**acompanho que tem um cara preso... certo?**), seguida de um comentário (**lutando por uma causa que não é só dele ... que é de milhões ... e ele vai-pelo que eu tô vendo vai pagar sozinho**) no lugar da avaliação de caráter mais geral pressuposta pela intervenção inicial (**eu gostaria de saber sua opinião sobre: esses dois movimentos sociais se você é otimista ... com ... a: ...presença deles no Brasil ou não...**).

Em sua segunda resposta, MB utiliza-se quase dos mesmos MDs de natureza interacional (**certo?, entendeu?, é isso?**) que foram utilizados na primeira resposta. No entanto, eles não mais funcionam apenas como checagem de informações ou busca de aprovação discursiva, mas como formas de comprometer a entrevistadora com as informações e avaliações que ele, MB, vai fornecendo sobre um dos mais importantes membros do MST. Isso revela que os MDs interacionais exercem outras funções além daquela que a bibliografia sobre o tema costuma apontar, a depender da intencionalidade do locutor e do contexto em que são usados. MB, então, a exemplo da pergunta de MR que ameaça a sua face, também tenta expor a face da entrevistadora ao requerer

³² GOFFMAN, E., op. cit.

³³ LIMA, F., op. cit.

³⁴ Ibidem, p. 201.

³⁵ Ibidem, p. 201.

dela uma posição. Nesse sentido, é que assumimos a posição de Culpeper³⁶, de que determinados recursos marcam um tipo de comportamento deliberadamente impolido com vistas a se atingir um determinado fim, e, mais ainda, com vistas a fazer com que a parte menos “poderosa” na interação passe, mesmo que momentaneamente, a ser “empoderada”.

Tal comportamento pode ser observado não apenas pelos recursos mobilizados por MB, mas também pelas reações de sua interlocutora mais direta, quando, ao enunciar **tem um cara preso, certo?**, MB não recebe uma confirmação de MR como resposta. Continuando, então, MB afirma: **lutando por uma causa que não é só dele... que é de milhões... e ele vai-pelo que eu tô vendo vai pagar sozinho é isso?**. MR não confirma, conforme lhe é solicitado, a avaliação de MB. Ao contrário, apresenta um comportamento hesitante (balbucia, diz que não sabe), nervoso (risos) e evasivo (**tem muita gente presa**).

O entrevistado continua tentando fazer com que MR concorde com o que fala, por meio de paráfrases do que já tinha dito anteriormente (**que tem um cara preso lutando por uma causa que é de muitos... né? eu acho que:... que é: José Rainha é isso?**), conseguindo, ao final, que MR finalmente concorde com ele (isso), mesmo que o escopo dessa concordância seja apenas o fato de que quem está preso é José Rainha e não outra pessoa.

Para fechar o tópico, MB se autoavalia (**eu até eu-tenho que dizer que eu sou um cara que eu leio pouco mêmo... sou mal informado sobre muitas coisa... mas... as coisa que me interessam... eu me informo... en[tendeu?]**). Com tal atitude, MB procura agora atenuar os atos de ameaça à face da entrevistadora por ele performatizados ao ser questionado sobre um tópico que não pretendia desenvolver.

A nosso ver, ao responder à pergunta sobre o MST fazendo afirmações sobre um dos mais importantes membros desse movimento, José Rainha, e, ao buscar a concordância da entrevistadora sobre o que falava, MB procura consolidar sua identidade de homem comprometido com as causas sociais e com o ponto de vista que compreende as injustiças sociais como base da explicação sobre a diferença social.

³⁶ CULPEPER, 2008.

Outros recursos atenuadores

Uma importante característica do posicionamento discursivo de MB, ao longo de toda a entrevista, é o fato de ele se negar a um olhar externo sobre seu grupo social ou sobre movimentos sociais, ou mesmo sobre atores sociais considerados “perigosos” para a sociedade. Seu principal movimento discursivo é o de se colocar em um lugar de solidariedade em relação a esses referentes que os entrevistadores instauram como objetos de discurso a serem olhados “de fora”. MB se recusa a olhar “de longe” esses atores sociais, sendo esse o seu “centro de valor”, principal motivo dos conflitos que se instauram no interior dessa entrevista, dado que o seu “centro de valor” quase nunca coincide com o dos entrevistadores.

É, nesse jogo, que MB constrói a diferença entre ele, como membro de um determinado grupo social, e o que ele chama de “elite”. E é, nesse sentido, que podemos afirmar que a forma de manuseio de alguns recursos textuais e discursivos descrita acima indicia o uso estratégico das normas de funcionamento do gênero e, conseqüentemente, a exibição de um estilo discursivo baseado ora no uso de estratégias de atenuação - mudança de referente textual na resposta dada à primeira pergunta (de MST para movimentos sociais desenvolvidos no bairro Capão Redondo, em SP), uso de MDs com função *checking* -, ora no uso de estratégias de impolidez - uso de MDs como busca de comprometimento da entrevistadora em relação ao que ele vai afirmando.

Sendo assim, a manipulação dos recursos acima descritos estaria relacionada ao campo das atitudes, da seleção estratégica, das escolhas razoavelmente refletidas. O uso que MB faz de MDs tais como **então, na verdade, vou te falar, vamos dizer assim** se dá como forma de sinalizar que o tópico instaurado pelos entrevistadores é, de algum modo, problemático/conflictivo. Nesses casos, o uso desses MDs serviria como atenuador e/ou sinalizador de discursos discordantes do centro de valor de MB.

O exemplo a seguir aborda um segundo momento da entrevista, no qual podemos observar o uso de um outro recurso estilístico por parte de MB, dessa vez, a partir da negação de pressupostos envolvidos nas perguntas elaboradas pelos entrevistadores.

Podemos observar que Renato Lombardi (RL), ao fazer um questionamento sobre as ações do grupo Racionais MC's em relação ao problema das

drogas e da violência, afirma que há muitos jovens nessa situação. A resposta de MB se inicia não com uma resposta direta sobre as ações sociais desenvolvidas pelo seu grupo, mas com um questionamento do pressuposto da pergunta de RL, segundo o qual haveria muita violência sendo praticada na periferia:

Exemplo 2

RL independente das letras né?... das suas músicas/ de orientação que mais o teu grupo faz... pra poder orientar... pra poder abrir a cabeça das pessoas né? (.) que tão da-dessa juventude toda que tá aí com droga em TUDO quanto é esquina... com violência em tudo quanto é esquina... que mais cês fazem?... independente das letras e dos sho-da mensagem que vocês passam?

MB .h eu vou te falar um negócio cabuloso agora... por incrível que pareça... o/ lugar onde tem menos violência hoje é na favela... entendeu? onde tem menos violência hoje é numa favela (.) você vai ver violência no asfalto dentro duma favela tem controle (.)

Apesar de haver a discordância por parte de MB em relação ao pressuposto da pergunta, podemos observar que essa negação também é acompanhada por recursos atenuadores mobilizados por MB. Isso porque, ao iniciar sua resposta com a expressão **vou te falar um negócio cabuloso agora**, MB parece querer atenuar o fato de RL não conhecer a realidade da periferia, ao considerar que a maioria das pessoas tem essa mesma visão de RL (**por incrível que pareça**) e que a informação dada é “cabulosa”, ou seja, que o interlocutor irá se surpreender com o que ele irá dizer.

Importa ressaltar que, caso MB não questionasse os pressupostos presentes na fala do entrevistador, isso poderia significar uma concordância implícita com tais pressupostos. Decorre daí, o questionamento direto dos pressupostos socioculturais do entrevistador sobre a realidade da periferia, sendo que esse gesto por parte do *rapper* reforça mais ainda a sua imagem de voz da periferia, de protagonista de movimento social, inserido nas e comprometido com as práticas da periferia.

Achamos necessário abrir um parêntese nesse momento para observarmos que, em outra situação comunicativa³⁷, o *rapper* tematiza a sua ida à

³⁷ A transcrição na íntegra da situação comunicativa de debate sobre tema social controverso

grande mídia e faz algumas previsões de qual temática seria abordada. Nessa situação, os protagonistas de movimento social (Mano Brown, Ferréz, Ylsão Negredo e Mc Tó, entre outros) encontram-se em uma casa da periferia de São Paulo para a filmagem do DVD *100% Favela*, produzido em 2006 e, portanto, anterior à ida de MB ao *Roda Viva*. Nesse encontro, há um debate sobre questões relativas ao *rap* com o objetivo de informar o público mais amplo sobre a visão dos *rappers* sobre o *rap* brasileiro.

Quando o debate está quase terminando, Ferréz instaura o tópico “Conflito entre os *rappers* e a mídia”. O escritor inicia esse tópico abordando a questão da polêmica da não ida dos Racionais MCs e de MB à mídia (**qual que é o maior debate?...de todos os tempo?...desde que surgiu o hip-hop?...(es)tá ligado? é o estigma do Racionais num í(r) na TV mano**). Essa questão também é abordada na entrevista do *Roda Viva* quando o entrevistado pergunta o porquê da ida de MB ao programa (**al gente sabe que cê controla bastante a tua exposição... na mídia\ o grupo inteiro etecetera... por que que cê resolveu vir aqui hoje... no Roda Viva?**). A partir da tematização dessa questão a respeito da não ida de MB à mídia, o *rapper* instaura um novo subtópico, a saber: “O tipo de pergunta feita pelos jornalistas da grande mídia aos *rappers*”. Esse subtópico revela o que os *rappers* cogitam a respeito das perguntas que seriam feitas se eles fossem à grande mídia (**que tipo de pergunta hoje que poderia:...quebrá(r) as perna d’ um grupo de rap...hoje?**), mostrando a reflexão metadiscursiva³⁸ por parte desses sujeitos. A pergunta de Ferréz (FE) sugere a

entre protagonistas de movimento social pode ser encontrada em Mariano (2012), disponível em <http://projetonoinafita.vl1.net2.com.br/site/pdf/rafaela-recursos-rel-parcial.pdf>. Acesso em 10/06/2013, às 23h.

³⁸ Compreendemos aqui a noção de metadiscorso formulada pelos autores da perspectiva textual-interativa. Os enunciados metadiscursivos caracterizam-se para RISSO (1999) como procedimentos verbais que operam “no âmbito da atividade enunciativa, como formas de gestão da produção verbal desencadeadas pelo locutor no processamento formulativo do texto”. Assim, para a autora, o metadiscorso “peculiariza-se por estampar, na superfície dos enunciados, um movimento auto-reflexivo que faz o discurso dobrar-se sobre si mesmo, instituindo-se enquanto discurso para referenciar o próprio “fazer” discursivo” (RISSO, 1999, p. 204). Dessa forma, o metadiscorso é, como postula Rezende (2010), uma manifestação da reflexividade da linguagem, “um discurso centrado no código, mas o código tomado em sentido amplo, remetendo tanto à estrutura da língua enquanto sistema, quanto à sua ativação em situação de comunicação.”

RISSO, M. A propriedade auto-reflexiva do metadiscorso. In: BARROS, K. (Org.). *Produção textual: interação, processamento, variação*. Natal: Editora da UFRN, 1999, p. 203-214.

mesma questão que a pergunta de Renato Lombardi no programa *Roda Viva*: **que (vo)cê faiz pela favela?**. Os *rappers* passam a discutir, então, o fato de essa pergunta ser “injusta”, já que qualquer brasileiro e qualquer músico teria responsabilidade sobre o povo brasileiro. A conclusão a que chegam, então, é de que a mídia “puniria” os *rappers* com essa pergunta em função do fato de eles tematizarem em suas músicas as dificuldades vividas pela população da periferia (**é uma pergunta] pra puní(r) você por tê(r) tocado no assunto**).

No debate, MB tematiza ainda sua reação caso fosse perguntado acerca das suas ações em prol da favela: **(claro) um tipo de pergunta dessa (vo)cê tem que respondê(r) com o(u)tra pergunta ...eu te pedi voto?... eu pedi voto pa alguém?**. É interessante observar que, na entrevista ao *Roda Viva*, apesar de não fazer essa pergunta ao entrevistador RL, MB nega o pressuposto da pergunta, visto que considera a cobrança por parte da mídia de ações dos *rappers* “injusta”: **é isso é isso que eu acho errado...por que que o rap é obrigado a fazê(r) as coisa?**.

É preciso levar em conta, ainda, um outro aspecto acerca do papel do entrevistado nesses programas: os efeitos de seu desempenho junto à audiência. No caso de MB, sujeito comprometido com a periferia e com os movimentos sociais, é possível observar uma certa coerência entre as condutas e posicionamentos adotados e praticados pelo *rapper* ao longo da entrevista ao programa *Roda Viva* e fora dali. No entanto, apesar de manter, então, em alguns momentos, um estilo marcado pela contraposição por conta do compromisso com sua imagem pública, MB mobiliza uma série de recursos atenuadores ao colocar em xeque outros “centros de valor”.

Voltando à entrevista, observaremos, no próximo exemplo, o modo como MB recorre a outro recurso de atenuação em outro momento de dissenso, quando julga necessária uma recategorização³⁹ para o redirecionamento

REZENDE, R.C. *Expedientes metadiscursivos na articulação e categorização de práticas comunicativas em Relato de um certo oriente, de Milton Hatoum*. Tese (Doutorado em linguística). Campinas: Instituto de Estudos da Linguagem, UNICAMP, 2010.

³⁹ Após a introdução (ativação) de referentes no modelo textual, esse referente pode ser reintroduzido, por meio de uma forma referencial, de modo que o objeto-de-discurso permanece saliente/ continua em foco. Esse mecanismo dá origem às cadeias referenciais ou coesivas. Além de poderem ser retomados por meio de recursos de ordem gramatical ou lexical, podem-se recategorizar os objetos-de-discurso ativados anteriormente por meio de formas nominais anafóricas de modo que tais objetos são reconstruídos de acordo com o projeto de dizer do enunciador. (KOCH, I.G.V. *Introdução à Linguística Textual*. São Paulo: Martins Fontes, 2004).

dos tópicos propostos. O excerto apresenta um momento em que o entrevistador Paulo Lins (PLS) instaura um novo tópico: “A criminalidade dos bandidos”. Ao instaurar esse tópico, PLS procura caracterizar sua participação como legítima ao expor sua experiência na favela (**vou fazer cinquenta anos... e:: trinta de favela... né? e vi que mudou bastante... né?...**), o que, por assim dizer, lhe autorizaria a tratar sobre o tópico instaurado. Essa estratégia é usada, a nosso ver, para que MB desenvolva o tópico proposto. Além disso, PLS recorre a inserções e reformulações para fazer sua pergunta:

Exemplo 3

PLS a ques-a questão da criminalidade dos bandidos\ realmente... que tão ali de frente que... tão armados\ que tá -tão lá... a gente vê que-que eu te-eu tenho vou fazer cinquenta anos... e:: trinta de favela... né? e vi que mudou bastante... né?... e sobretudo pela questão das armas... né? antigamente pessoal resolvia com trinta e oito trinta\ e dois trinta/ e oito era o barra pesada... .h como é que você vê assim: nesse tempo que você tem você tem de... você começou analisar a vida... .h como é que a-a malandragem mudou muito a-a:: o traficante mudou muito? ladrão mudou muito?... como é que tá hoje?

MB ((sorrindo)) ô Mano... vou te falar (.) falar de traficante é foda eu eh:... mesmo porque é como se a gente tivesse falando até dos nossos... entendeu? os nossos amigo da nossa família dos nossos parceiro os cara tá lado a lado... muitas vezes é o traficante que nós tá falando...

PLS mas tô falando de sofrimento... por exemplo aqui assim:... hoje em dia... né? são mais novos são mais velhos?... essa é a questão não é falar da-do traficante mas

Vemos que PLS, quando inicia as considerações que o levariam à pergunta e ao novo tópico, instaura a expressão referencial a **questão da criminalidade dos bandidos**. Assim, PLS age nominalizando o tópico que pretendia instaurar, através de uma expressão nominal definida⁴⁰. Além disso, PLS finaliza reformulando sua pergunta e, simultaneamente, recategorizando os referentes envolvidos (**malandragem, traficante e ladrão**).

Como resposta, vemos que o entrevistado MB elege um referente dentre os apresentados por PLS, afirmando: **falar de traficante é foda**. Assim,

⁴⁰ KOCH, 2004.

MB também explicita sua visão de que o tópico instaurado constitui-se como assunto delicado. O entrevistado explica que, ao falar do tópico proposto, estaria falando **dos nossos** - destaca-se, aí, a reafirmação de seu centro de valor ao se colocar junto aos demais sujeitos em questão. Em seguida, MB opta por preencher o nome na expressão referencial, afirmando que, para ele, falar de traficante seria como falar **dos nossos amigo, da nossa família, dos nossos parceiro**.

Tendo em vista os aspectos trazidos pelo seu papel na interação em jogo, PLS, então, opta por redirecionar o tópico, afirmando que o tema proposto é **sofrimento**. Dessa forma, uma vez recategorizado o referente que dá nome ao tópico em questão, MB poderia acatar o tópico proposto e desenvolvê-lo, sem consequências negativas para a face dos dois participantes e para a interação.

É interessante observar que, ao iniciar sua resposta, MB se utiliza de uma estratégia de atenuação que quebra a expectativa de um possível conflito através, primeiramente, de um sorriso. Em seguida, MB usa um MD do tipo fático de natureza exclamativa⁴¹. O MD **ô**, além de chamar a atenção do interlocutor para o início de sua resposta e implicar maior comprometimento entre falante e ouvinte em função da sua forma imperativa⁴², revela informalidade, promovendo certa proximidade entre os interlocutores. É importante observar também o uso da forma **mano**, que indicia a relação de proximidade que MB pretende estabelecer com PLS, já que usa um vocativo que se refere à identidade social que assume para si, a identidade de “mano”⁴³.

Por fim, MB usa o MD **vou te falar**. Esse MD interacional indicia que MB não pretende fazer uma asserção peremptória, mas questionar o estabelecimento do tópico em virtude da ameaça que o mesmo pode acarretar à sua face, como expõe em seguida. O uso desses recursos verbais e não verbais que

⁴¹ URBANO, 1999.

⁴² GUERRA, A.L. *Funções textual-interativas dos marcadores discursivos*. Dissertação (Mestrado em Linguística). São José do Rio Preto: Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, UNESP, 2007.

⁴³ É interessante salientar que MB usa poucas vezes a forma “mano” como MD. O *rapper* usa essa forma nessa resposta a PLS, na resposta a Rappin Hood e quando faz citação direta de sua fala com uma criança da periferia ou com outros “manos”/“amigos” da periferia. Quando usa “mano” nas outras respostas, usa como referente de terceira pessoa, como em: **se a nossa sociedade é honesta a nossa sociedade é uma-eu-eu costume falar pos mano quando a gente tá conversando\ .h que a minha-a nossa sociedade é criminoso**.

antecedem a avaliação do tópico por MB minimiza o impacto da categorização (**falar de traficante é foda**) e o fato de o *rapper* não acatar o referente instaurado por PLS.

Ainda sobre as demais interações com os outros entrevistadores, vemos que a participação de MB caracteriza-se, em vários momentos, pelo recurso da inversão de papéis por meio da ação de MB de fazer perguntas aos entrevistadores, não só redirecionando o tópico discursivo como também procurando incitar reflexões nos entrevistadores. Considera-se que tal estratégia tem conseqüências não apenas para os tópicos propostos e desenvolvidos, mas também funciona como reforço à identidade de MB como aquele que é “durão” e que é comprometido com sua comunidade. Essa “inversão de papéis” pode ser observada pelo uso de MDs do tipo *checking* que, de certa forma, procuram comprometer o interlocutor com a mudança de papéis implementada, como podemos observar no exemplo a seguir em que MB usa o MD **né?**:

Exemplo 4

MB [conseguiram] ficar mais velho... e:: os que conseguiram se manter... pegaram uma fase diferente... eles com certeza eles acha mais fácil hoje os mais velho... eles acha mais fácil.. porque\ hoje:... eh:: cê tá falando sobre favela né? sobre vida

PLS é::

MB dentro da favela... que que é uma favela? como é que é uma organização numa favela?... a gente sabe que a favela precisa da organização co-como é a organização\ da favela hoje?... quem é que::... sabe... dos problema da favela?... o governo sabe?... não sabe... o assistente social... sabe o... setenta por cento... cinquenta... o cara da ONG?... sabe oitenta

RL e quem é que sabe?

MB quem tá lá dentro... e\ mora lá dentro que conhece todo mundo... que... conhece quem nasceu... que... sabe dos proble:ma... sabe quem tá pre:so sabe quem tá precisando numa aju:da... o filho de quem tá precisando... [eh::]

Acreditamos que a inversão do par pergunta-reposta também corresponde a um recurso utilizado por MB, por meio do qual tenta agir sobre os desacordos identificados, no intuito de garantir a continuidade da interação de forma não conflituosa. Incitar a reflexão dos entrevistadores pode ser entendido como uma estratégia para que os pontos de vista em jogo sejam redis-

cutidos e realinhados, além de corresponder a uma forma de esquiva quanto à explicitação dos desacordos dos sujeitos participantes. Com isso, a inversão do par pergunta-resposta pode ser considerada como mais um recurso atenuador utilizado por MB para evitar a ocorrência de embates mais explícitos. Cumpre salientar que o mesmo recurso de inversão do par pergunta-resposta é usado por MB também em outros momentos, ao longo das negociações e recategorizações dos referentes, como mostra o exemplo a seguir.

Exemplo 5

RL [e] o traficante entra nessa-nessa fatia aí?

MB eu não em-não/ falo só o traficante mas vamos dizer assim a favela tem sua-a sua organização... certo? a gente fala o “traficante”... vamos falar “comerciante”...

PM mas não tem não tem

MB [(pra) trocar esse termo]

PM [só pra entender]

MB [o cara quis usar o termo “traficante” (vamos usar “comerciante”)]

PM [não tudo bem]... mas não tem não tem favela em que você tem... confronto... entre... que é a organização da favela... eh:: os morado:res associação dos morado:res e os “comerciantes”-- como você chama-- ?

MB por exemplo... quem dá segurança pros comerciantes da favela?... quem:: quem protege a favela?... a polícia protege?... são perguntas né? perguntas já outras né? tô perguntando (.) quem protege?

Observamos que MB não abandona o uso de MDs *checking/atenuadores* para trazer à tona a discussão sobre a recategorização que julga necessária (**vamos dizer assim, a favela tem sua organização, certo?**). Além disso, faz uso de expressões atenuadoras para propor a adesão a seu ponto de vista, como em: vamos usar ‘comerciante’.

Ainda que o uso dessas expressões e MDs minimizadores da força ilocucional por MB façam com que o momento seja pautado pela atenuação, vemos que, ao optar pela recategorização e discussão conjunta desses referentes (**traficante versus comerciante**), MB segue no sentido de demonstrar que tratará da questão a partir de seu centro de valor, propondo e defendendo a adoção do referente “comerciante” pelos demais sujeitos participantes. Nesse caso, observa-se que os referentes instaurados por MB para tratar a questão da criminalidade se caracterizam por uma avaliação positiva (**comerciante**),

quando comparados aos referentes, por assim dizer, negativos (**traficante**) empregados pelos entrevistadores para tratar da violência na periferia, o que nos mostra que MB reforçará seu centro de valor mesmo ao tratar daqueles que não seguem a lei e revelando, assim, sua solidariedade ao seu grupo social.

No exemplo acima, também vemos os interlocutores como responsáveis por produzir categorizações que serão, elas mesmas, rediscutidas e argumentadas. Embora se possa pensar que os momentos de recategorização dos referentes, bem como as perguntas feitas por parte de MB, possam se apresentar como momentos comprometedores do bom andamento de uma entrevista, importa ressaltar o fato de que tais recursos não parecem atípicos no caso das entrevistas televisivas.

Ao contrário, ambas as atitudes são desempenhadas por diferentes participantes em momentos nos quais a exibição de pontos de vista diferentes poderia comprometer o andamento da interação e a própria estabilidade do gênero⁴⁴.

O uso dos mesmos recursos em diversas entrevistas televisivas demonstra, assim, que as formas linguísticas de atenuação e os recursos que tipificam com-

⁴⁴ Exemplo semelhante ocorreu na entrevista concedida pelo sociólogo Silvio Caccia Bava (SC) ao jornal – diário, exibido às 10h – do canal Globo News acerca dos vários protestos e manifestações realizados por jovens de Londres, em agosto de 2011, contra a repressão policial e os efeitos negativos da crise econômica vividos por essa população. Nos momentos finais da entrevista, o sociólogo SC é perguntado sobre como encarar as atitudes tomadas pelos jovens, já que não se tratam de “marginais”, objeto-de-discurso usado pelos entrevistadores e negado por SC desde o início da entrevista. Ao elaborar sua resposta, vemos que SC desenvolveu os mesmos recursos mobilizados por MB: instaurou questionamentos ao entrevistador responsável, fez uso de MDs *chekings* ao longo de sua fala com vistas à atenuação da divergência e reforçou a sua proposta de recategorização dos objetos de discurso em questão (“jovens” em substituição a “marginais” e “protestos” em substituição a “quebra-quebra” e “crimes”).

Para consultar o vídeo dessa entrevista, acessar: <http://www.youtube.com/watch?v=niK1kk1dXI0>, acessado em 11/06/2013, às 17h35min.

Para ver outros exemplos de entrevistas em que ocorrem processos iguais ou semelhantes, consultar: <http://www.youtube.com/watch?v=K6kRpsoqeC8> (Entrevista de Leilane Neubarth à Professora Gilberta Acselrad, Professora e Coordenadora do Núcleo de Estudos de Aids, Drogas e Direitos Humanos da UERJ sobre o uso de drogas entre estudantes universitários), acessado em 11/06/2013, às 17h35min.

<http://www.estadao.com.br/noticias/artelazer,uma-chance-para-a-paz-em-meio-ao-chaos,1017562,0.htm> (Entrevista do cientista cognitivo canadense Steven Pinker, por e-mail, ao Sabático (Jornal *O Estado de São Paulo*) sobre o declínio da violência no mundo), acessado em 11/06/2013, às 17h35min.

portamentos impolidos, como os apresentados em nossas análises, estão relacionados a contextos de negociação e argumentação, dentro dos quais acreditamos que o Programa *Roda Viva* não somente se situa, como também se destaca.

Comentários finais

Podemos dizer que a entrevista de MB ao *Roda Viva* caracteriza-se, de uma forma geral, por se estruturar de acordo com as normas do gênero, dado que comporta tanto momentos de mais tensão em função da instauração de tópicos mais ameaçadores, como também momentos de acordos, negociações e até mesmo de uma certa descontração. É, por isso, que acreditamos que a imagem inicial de MB construída pelo programa (caráter durão, polêmico), como expusemos na seção de contextualização da entrevista, vai sendo reconstruída e, no final, essa imagem é amenizada e reconhecida como tal pelos entrevistadores. Essa reconstrução também é feita por MB em relação ao programa: o *rapper*, ao responder sobre o motivo de estar no programa, diz conhecer o caráter “conflituoso” das entrevistas lá performatizadas (já **vì uns cara que tomou pancada aqui**), porém, faz uma avaliação positiva da sua própria entrevista (eu tô achando suave).

Acreditamos que é necessário ressaltar o fato de que nos momentos da entrevista em que ocorre maior polêmica ou conflito, como é o caso dos exemplos selecionados, houve maior reforço, por parte do *rapper* MB, de sua identidade e explicitação de seu centro de valor que, como vimos, se refere ao olhar que vê “de perto”, “de dentro” a periferia. Porém, ao observar a entrevista como um todo, podemos ver que ela se pauta mais por momentos não conflituosos e de menor polêmica. Isso ocorre tanto em virtude de os tópicos instaurados pelos entrevistadores não darem tanta margem à ocorrência desses conflitos, como em função do grande cuidado, como ressaltamos no início, que MB mostra em relação à sua fala e ao seu desempenho, o que faz com que use recursos atenuadores e que apenas instaure o desacordo quando não pode compactuar com o centro de valor pautado pelo olhar externo para a periferia.

Ao longo de nossas análises, observamos que MB faz um uso estratégico de MDs que reforçam um comportamento impolido, na busca por “empoderamento” e, conseqüentemente, pelo reforço a uma imagem de si como um sujeito que não vai se submeter a outros centros de valor claramente em

oposição ao seu. Nesse caso, os MDs não funcionam mais como atenuadores, mas como ameaçadores, como mostramos ao longo da análise.

Vimos, além disso, que a própria categorização dos referentes instaurados pelos entrevistadores é posta em xeque ao longo da entrevista por parte de MB. Ainda que a recategorização dos referentes seja julgada como necessária e faça com que MB reafirme seu centro de valor, o entrevistado não abre mão de MDs e expressões atenuadoras para minimizar a força ilocucionária das recategorizações por ele produzidas.

Posteriormente, observamos que, em muitos momentos da entrevista, MB usa MDs como **então, na verdade, vou te falar, vamos dizer assim** que servem como forma de sinalizar que o tópico instaurado pelos entrevistadores é, de algum modo, problemático/conflituoso ou que o referente instaurado não é aceito por MB. Nesses casos, o uso desses MDs atenua discordâncias posteriores. Verificamos o recurso da inversão do par pergunta-resposta também como modo de atenuação; por meio desse procedimento, MB se esquiva de embates explícitos e tenta provocar um realinhamento dos pontos de vista existentes.

De um lado, os recursos atenuadores usados por MB revelam a manipulação estilística por parte do *rapper*, no intuito de ter um desempenho compatível com aquela situação comunicativa: uma entrevista televisiva em um programa notoriamente reconhecido como um dos mais tradicionais programas desse gênero da televisão brasileira. Nessa e em outras entrevistas televisivas, como se observou ao longo de nossa análise, é muito comum que, tendo em vista os tópicos polêmicos, os processos de argumentação se tornem necessários, principalmente quando se leva em conta a ocorrência de “discordância” entre pontos de vista defendidos pelos participantes. Segundo Briz⁴⁵, como os atenuadores constituem-se em recursos metalinguísticos que dirigem ou redirecionam a negociação para que o acordo se produza, a maior ou menor presença de atenuadores em uma conversação é proporcional ao grau de desacordo existente na interação. O grande uso de atenuadores por parte do *rapper* MB mostra seu grau de reflexão a respeito desses recursos e dos efeitos produzidos por eles, o que faz com que esse uso seja considerado como altamente estratégico ao longo da entrevista.

⁴⁵ BRIZ, 2005.

Por outro lado, também pudemos observar que há alguns momentos na entrevista em que MB não atenua suas discordâncias em relação aos entrevistadores. Isso acontece, como vimos em nossa análise, sobretudo nos momentos em que compactuar com os pressupostos envolvidos nas perguntas dos entrevistadores seria concordar implicitamente com tais pontos de vista. MB mostra nesses momentos, então, que mantém o centro de valor segundo o qual vê “de perto”/ tem um olhar de dentro sobre o seu grupo social, sobre os movimento sociais que acompanha ou mesmo sobre atores sociais considerados “perigosos” para a sociedade. Ao negar os pressupostos de muitas das perguntas e recategorizar referentes instaurados por outrem, MB se nega a olhar para esses atores de forma externa, reafirmando ainda mais a sua imagem de voz da periferia, de protagonista de movimento social, inserido nas e comprometido com as práticas da periferia.

Podemos concluir, assim, que a construção do estilo por MB nessa entrevista revela que o *rapper* ora faz uso de recursos que exibem de forma aberta o conflito entre ele e os “de fora”, reforçando sua identidade de ator social comprometido com a periferia e com os seus moradores, ora faz uso de recursos atenuadores para se adequar às restrições genéricas. MB, portanto, não se furta ao conflito interno constitutivo de sua produção discursiva, tal como observou Bentes⁴⁶, já que, ao mesmo tempo em que procura se adequar à situação comunicativa e construir uma legitimação para o lugar enunciativo que ocupa, irá se deparar com momentos nos quais o reforço a uma identidade social (e, por conseguinte, linguística), local e de classe⁴⁷ se mostra mais do que necessário para expor o ponto de vista daquele que vê de dentro as questões sociais da periferia, diferentemente da visão “de fora” exposta e defendida pela mídia sobre essas mesmas questões sociais.

⁴⁶ BENTES, 2009b.

⁴⁷ COUPLAND, 2007.

MITIGATION AND IMPOLITENESS AS STYLISTIC STRATEGIES IN AN TELEVISION INTERVIEW

ABSTRACT

In this work, we aim to explore the stylistic manipulation of textual and discursive resources by the rapper Mano Brown, in an interview within television program *Roda Viva*, in 2007. We analyzed textual-discursive resources that promote, at the same time, not only mitigation of rapper's discursive style, which is characterized by the display of an instance deeply committed to an internal (inside) perspective about Brazilian periphery, but also direct exposure of conflicts between his perspective and the interlocutors' perspectives on Brazilian periphery by the strategic use of textual resources that mark impoliteness.

KEYWORDS: style; mitigation; impoliteness; television interview.

Recebido em: 18/03/2013

Aprovado em: 20/08/2013